

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA
LUCIENE DA SILVA DIAS

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O texto Gerador I é um trecho do capítulo III do romance “O crime do padre Amaro”. Escrito por Eça de Queirós, no ano de 1875.

Amaro Vieira nascera em Lisboa em casa da senhora marquesa de Alegros. Seu pai era criado do marquês; a mãe era criada de quarto; quase uma amiga da senhora marquesa. Amaro conservava ainda um livro, o Menino das Selvas, com bárbaras imagens coloridas que tinha escrito na primeira página branca: À minha muito estimada criada Joana Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido, – Marquesa de Alegros. Possuía também um dagterreótipo de sua mãe: era uma mulher forte, de sobrancelhas cerradas, a boca larga e sensualmente fendida, e uma cor ardente. O pai de Amaro tinha morrido de apoplexia; e a mãe, que fora sempre tão sã, sucumbiu, daí a um ano, a uma tísica de laringe. Amaro completara então seis anos. Tinha uma irmã mais velha que desde pequena vivia com a avó em Coimbra, e um tio, merceeiro abastado do bairro da Estrela. Mas a senhora marquesa ganhara amizade a Amaro; conservou-o em sua casa, por uma adoção tácita: e começou, com grandes escrúpulos, a vigiar a sua educação.

A marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos, e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. Era uma pessoa passiva, de bondade indolente, com capela em casa, um respeito devoto pelos padres de S. Luís, sempre preocupada dos interesses da Igreja. As suas duas filhas, educadas no receio do céu e nas preocupações da Moda, eram beatas e faziam o chique falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: – Pensam todos os dias na toaleta com que hão-de entrar no Paraíso.

No isolamento de Carcavelos, naquela quinta de alamedas aristocráticas onde os pavões gritavam, as duas meninas enfasiavam-se. A Religião, a Caridade eram então ocupações avidamente aproveitadas: cosiam vestidos para os pobres da freguesia, bordavam frontais para os altares da igreja. De Maio a Outubro estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de salvar a sua alma; liam os livros beatos e doces; como não tinham S. Carlos, as visitas, a Aline, recebiam os padres e cochichavam sobre a virtude dos santos. Deus era o seu luxo de Verão.

A senhora marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica. A sua figura amarelada e magrita pedia aquele destino recolhido: era já afeiçoado às coisas de capela, e o seu encanto era estar aninhado ao pé das mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo falar de santas. A senhora marquesa não o quis mandar ao colégio porque receava a impiedade dos tempos, e as camaradagens imorais. O capelão da casa ensinava-lhe o latim, e a filha mais velha, a Sra. D. Luísa, que tinha um nariz de cavalete e lia Chateaubriand, dava-lhe lições de francês e de geografia.

Amaro era, como diziam os criados, um mosquinha-morta. Nunca brincava, nunca pulava ao sol. Se à tarde acompanhava a senhora marquesa às alamedas da quinta, quando ela descia pelo braço do padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas, ia a seu lado, mono, muito encolhido, torcendo com as mãos úmidas o forro das algibeiras, - vagamente assustado das espessuras de arvoredos e do vigor das relvas altas.

Tomou-se muito medroso. Dormia com lamparina, ao pé de uma ama velha. As criadas de resto feminizavam-no; achavam-no bonito, aninhavam-no no meio delas, beijavam-no, faziam-lhe cócegas, e ele rolava por entre as saias, em contato com os corpos, com gritinhos de contentamento. Às vezes, quando a senhora marquesa saía, vestiam-no de mulher, entre grandes risadas; ele abandonava-se, meio nu, com os seus modos lânguidos, os olhos quebrados, uma roseta escarlate nas faces. As criadas, além disso, utilizavam-no nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que fazia as queixas. Tomou-se enredador, muito mentiroso.

Aos onze anos ajudava à missa, e aos sábados limpava a capela. Era o seu melhor dia; fechava-se por dentro, colocava os santos em plena luz em cima duma mesa, beijando-os com ternuras devotas e satisfações gulosas; e toda a manhã, muito atarefado, cantarolando o Santíssimo, ia tirando a traça dos vestidos das Virgens e limpando com gesso e cré as auréolas dos Mártires.

No entanto crescia; o seu aspecto era o mesmo, miúdo e amarelado; nunca dava uma boa risada; trazia sempre as mãos nos bolsos. Estava constantemente metido nos quartos das criadas, remexendo as gavetas; bulia nas saias sujas, cheirava os algodões postiços. Era extremamente preguiçoso, e custava de manhã arrancá-lo a uma sonolência doentia em que

ficava amolecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro. Já corcovava um pouco, e os criados chamavam-lhe o padreca.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

O texto Gerador I apresenta a história de Amaro, onde e como viveu, por quem foi criado e etc. Que tipo de descrição foi utilizada **predominantemente** para relatar o meio em que ele vivia e as pessoas que o cercavam?

Habilidade Trabalhada

Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.

Resposta Comentada

Nesta atividade o aluno terá de reconhecer e diferenciar os tipos de descrição. Como este assunto já foi abordado durante todo o bimestre, o educando terá facilidade em reconhecer que a descrição utilizada é a objetiva (sua mãe: era uma mulher forte, de sobrancelhas cerradas, a boca larga e sensualmente fendida, e uma cor ardente; A sua figura amarelada e magrita...)

QUESTÃO 2

Observe o trecho: “... e os criados chamavam-lhe o **padreca**”

O que significa o termo em destaque? Por que razão foi utilizado?

Habilidade Trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta Comentada

O aluno até encontrará a palavra em questão em dicionários, porém facilmente ele reconhecerá que o termo utilizado no texto tem como função ridicularizar, caracterizar o menino em questão, devido as suas características e comportamento. O termo “padreca” qualifica um padre muito jovem ou com pouco mérito, tendo esta definição o discente confirmará sua definição dada anteriormente.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

“Um jornalista de então dissera delas: - Pensam todos os dias na toaleta com que hão-de entrar no Paraíso.”

O trecho lido pertence a qual discurso?

- a) Direto
- b) Indireto
- c) Indireto Livre

Habilidade Trabalhada

Identificar e diferenciar os discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta Comentada

Como o discurso direto e o indireto já foram trabalhados no terceiro bimestre, o aluno facilmente reconhecerá que a fala do personagem está sendo reproduzida fielmente, com a utilização adequada da pontuação. Essas características excluem as opções B e C, restando-lhe então apenas uma alternativa: A, que é a correta.

TEXTO GERADOR II

O texto gerador II é um trecho do capítulo IV do romance português “O crime do padre Amaro”

Ao outro dia, na cidade, falava-se da chegada do pároco novo, e todos sabiam já que tinha trazido um baú de lata, que era magro e alto, e que chamava Padre-Mestre ao cônego Dias.

As amigas da S. Joaneira - as íntimas - a D. Maria da Assunção, as Gansosos, tinham ido logo pela manhã a casa dela para se porem ao fato... Eram nove horas, Amaro saíra com o cônego. A S. Joaneira, radiosa, importante, recebeu-as no alto da escada, de mangas arregaçadas, nos arranjos da manhã; e imediatamente, com animação, contou a chegada do pároco, as suas boas maneiras, o que tinha dito...

– Mas venham vocês cá abaixo, sempre quero que vejam.

Foi -lhes mostrar o quarto do padre, o baú de lata, uma prateleira que lhe arranajara para os livros.

– Está muito bem, está muito bem, diziam as velhas andando pelo quarto, devagar, com respeito, como numa igreja.

– Rico capote! - observou D. Joaquina Gansoso, apalpando o pano das largas bandas que pendiam ao comprido do cabide. - É obra para um par de moedas!

– E a boa roupa branca! disse a S. Joaneira, erguendo a tampa do baú.

O grupo das velhas curvou-se com admiração.

– A mim o que me consola é que ele seja um rapaz novo, disse D. Maria da Assunção, piedosamente.

– Também a mim, disse com autoridade a D. Joaquina Gansoso.

Estar a gente a confessar-se e a ver o pingo do rapé, como era com o Raposo, credo! até se perde a devoção! E o bruto do José Miguéis! Não, lá isso Deus me mate com gente nova!

A S. Joaneira ia mostrando as outras maravilhas do pároco, – um crucifixo que estava ainda embrulhado num jornal velho, o álbum de retratos, onde o primeiro cartão era uma fotografia do Papa abençoando a cristandade. Todas se extasiaram.

– É o mais que se pode, diziam, é o mais que se pode!

Ao sair, beijando muito a S. Joaneira, felicitaram-na porque adquirira, hospedando o pároco, uma autoridade quase eclesiástica.

– Vocês apareçam à noite, disse ela do alto da escada.

– Pudera!... gritou D. Maria da Assunção, já à porta da rua, traçando o seu mantelete. – Pudera!... Para o vermos à vontade!

Ao meio-dia veio o Libaninho, o beato mais ativo de Leiria; e subindo a correr os degraus, já gritava com a sua voz fina:

– Ó S. Joaneira!

– Sobe, Libaninho, sobe, disse ela, que costurava à janela.

– Então o senhor pároco veio, hem? perguntou o Libaninho, mostrando à porta da sala de jantar o seu rosto gordinho cor de limão, a calva luzidia; e vindo para ela com o passinho miúdo, um gingar de quadris:

– Então que tal, que tal? tem bom feitio?

A S. Joaneira recomeçou a glorificação de Amaro: a sua mocidade, o seu ar piedoso, a brancura dos seus dentes...

– Coitadinho! coitadinho! dizia o Libaninho, babando-se de ternura devota. -. Mas não se podia demorar, ia para a repartição! -. Adeus, filhinha, adeus! - E batia com a sua mão papuda no ombro da S. Joaneira. –

Estás cada vez mais gordinha! Olha que rezei ontem a Salve-Rainha que tu me pediste, ingrata!

A criada tinha entrado.

– Adeus, Ruça! Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens. – E avistando Amélia pela porta do quarto entreaberta: – Ai, que estás mesmo uma flor, Melinha! Quem se salvava na tua graça bem eu sei!

E apressado, saracoteando-se, com um pigarrinho agudo, desceu a escada rapidamente, ganindo:

– Adeusinho, adeusinho, pequenas!

– Ó Libaninho, vens à noite?

– Ai, não posso, filha, não posso. – E a sua vozinha era quase chorosa. – Olha que amanhã é Santa Bárbara: tem seis Padre-Nossos de direito!

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

O uso do S e do Z causa muita dúvida em diversas pessoas de diferentes níveis de instrução, por isso temos aqui algumas regrinhas que nos ajudarão a reconhecer este uso:

- 1) Usa-se s em palavras terminadas em OSO, OSA:

horrorosa

gostoso

* Exceção: gozo

- 2) As palavras terminadas em **ÊS** e **ESA** serão escritas com s quando indicarem **nacionalidade, títulos** ou **nomes próprios**; as terminadas em **EZ** e **EZA** serão escritas com z quando forem substantivos abstratos provindos de adjetivos, ou seja, quando indicarem qualidade:

- Teresa
- Camponês
- Inglês
- Embriaguez
- Limpeza

3) Usa-se s em palavras terminadas em ASE, ESE, ISE, OSE:

- frase
- tese
- crise
- osmose

Agora, que já temos conhecimento de algumas regras de uso do S e do Z, leia as palavras abaixo e indique a que regra elas pertencem:

- () Medroso
- () respeitoso
- () marquesa
- () radiosa
- () piedosamente
- () Raposa
- () chorosa

Habilidade Trabalhada

Identificar e corrigir dificuldades ortográficas.

Resposta Comentada

Esta atividade tem por objetivo que o aluno reconheça as regras ortográficas na prática, aplicando as regras vistas anteriormente. Nesta forma prática o aluno poderá recorrer à regra quando se deparar com a palavra e conseqüentemente com a dúvida de qual regra ela pertence. Se o aluno puder explicar o porquê da escrita com S ou Z, ele terá domínio da regra e assim, dificilmente a esquecerá.

(1) Medroso

(1) respeitoso

(2) marquesa

(1) radiosa

(1) piedosamente

(1) Raposa

(1) chorosa